

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
FERNANDA DO NASCIMENTO SANTOS

**A relação de amizade e rivalidade entre as personagens femininas de
Suburbano Coração sob a perspectiva do feminismo e da sororidade**

São Paulo
2017

FERNANDA DO NASCIMENTO SANTOS

A relação de amizade e rivalidade entre as personagens femininas de Suburbano Coração sob a perspectiva do feminismo e da sororidade

Trabalho temático apresentado às disciplinas do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo como requisito para obtenção da aprovação.

São Paulo
2017

FERNANDA DO NASCIMENTO SANTOS

A relação de amizade e rivalidade entre as personagens femininas de Suburbano Coração sob a perspectiva do feminismo e da sororidade

Trabalho temático apresentado às disciplinas do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo como requisito para obtenção da aprovação.

São Paulo, ____ novembro de 2017.

Profª Ms. Daniele Cristina Gonçalves Brene Pires

Profª Me. Isabel Cristina Ayres da Silva Maringelli

Prof. Dr. Ivan Russef

Prof. Ms. José Mário de Oliveira Mendes

Profª Esp. Maria das Mercês Pereira Apostolo

Profª Ms. Maria Rosa Crespo

Prof. Dr. Paulo Silvino Ribeiro

Prof. Msc. Wanderson Scapechi

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo analisar as relações de amizade e rivalidade entre as personagens femininas Lovemar, Julinda e Trudes na obra “Suburbano coração”, de Nahum Alves de Souza. Para isso, tomamos como base os conceitos de feminismo e sororidade. Em relação à metodologia, foram apresentados os principais aspectos do movimento feminista, principalmente no Brasil, e também a definição do termo sororidade, que está relacionado com o feminismo. Na sequência, foi realizado o levantamento de trechos da obra que explicitam a rivalidade e a amizade entre as três personagens femininas, passando-se, então, para a análise destes trechos. A partir dessa análise, verificamos que a rivalidade entre as amigas está presente em toda a peça teatral, porém, ao final, a sororidade se manifesta, fazendo com que a competitividade desapareça e a amizade entre as personagens prevaleça. Portanto, conclui-se que, a partir da sororidade, a rivalidade feminina, que ainda é um mito, seria combatida na sociedade, gerando, assim, um empoderamento feminino. Então, isso se refletiria na literatura.

Palavras-chave: Nahum Alves de Souza. Suburbano coração. Rivalidade feminina. Feminismo. Sororidade.

Abstract

This paper aims at analyzing the relations of friendship and rivalry among the female characters Lovemar, Julinda and Trudes in the literary work “Suburbano Coração”, written by Nahum Alves de Souza. Therefore, this paper is based on the concepts of feminism and sorority. Regarding the methodology, the main aspects of the feminist movement are presented, especially in Brazil, as well as the definition of sorority that is related with feminism. In sequence, we selected excerpts from the literary work that show the rivalry and the friendship among these three female characters and analyzed them. It is possible to verify that the rivalry among the friends is present in the entire play. However, the sorority shows up at the end makes the competitiveness disappear and then, friendship prevails. Thus, it is concluded that from sorority the female rivalry (which is still a myth) is fought in society. In the same way, the female empowerment is created and that is reflected in literature.

Keywords: Nahum Alves de Souza. Suburbano coração. Female rivalry. Feminism. Sorority.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O FEMINISMO NO BRASIL.....	7
3 O QUE É SORORIDADE?.....	9
4 ANÁLISE DA AMIZADE E RIVALIDADE ENTRE AS PERSONAGENS FEMININAS EM “SUBURBANO CORAÇÃO”.....	11
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	16

1 INTRODUÇÃO

A obra “Suburbano coração”, escrita por Nahum Alves de Souza, foi publicada em 1989 e narra a busca da personagem Lovemar para encontrar o amor verdadeiro. Ao mesmo tempo em que ocorrem as investidas amorosas de Lovemar, acompanhamos também o relacionamento dela com suas duas amigas, Julinda e Trudes. A amizade entre as três personagens é conflituosa durante toda a obra e possui uma certa rivalidade.

A amizade entre elas é colocada em questão logo no início da peça teatral por Frederico, noivo de Lovemar, que insinua que a amizade entre mulheres não existe, pois elas são inimigas umas das outras. A partir disso, ele faz com que as amigas comecem a se desentender e a rivalidade entre elas se revela até o final da obra. Dessa forma, o objetivo deste trabalho será levantar e apresentar os trechos da obra que evidenciem a amizade entre Lovemar, Trudes e Julinda, a fim de analisar e entender como a rivalidade feminina está presente no relacionamento dessas três personagens. Para isso, este trabalho terá como base os conceitos de feminismo e sororidade.

Como não foram encontradas pesquisas sobre o tema proposto especificamente em “Suburbano coração”, buscou-se apresentar, primeiramente, os aspectos principais do movimento feminista, principalmente no Brasil, e, depois, discorrer sobre a noção de sororidade. Assim, a partir da compreensão destes conceitos, passou-se para a análise da relação entre as personagens, de forma a entender de que modo a rivalidade feminina se manifesta na obra.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O FEMINISMO NO BRASIL

Daniela Auad, autora de “Feminismo: que história é essa?”, inicia seu livro explicando o que não é feminismo: “mulheres que detestam homens, queimam sutiãs e que, como Napoleão, desejam dominar o mundo detendo todo e qualquer poder.” (AUAD, 2003, p. 13). Segundo a autora, a definição de feminismo é:

[...] um movimento formado por mulheres críticas e questionadoras. Elas nada têm a ver com o modelo de passividade e submissão que é esperado das mulheres por alguns setores da sociedade. [...] Feminismo não é privilégio para as mulheres e destruição para os homens. A luta feminista combate o machismo e o sexismo, a desvalorização das mulheres e do que é feminino, mas não combate os homens. [...] Assim, o feminismo busca que mulheres e homens compartilhem o poder na sociedade, e não que o poder seja apenas das mulheres. (AUAD, 2003, p. 14).

Auad traça uma linha histórica do papel da mulher em todo o mundo. Nas sociedades primitivas, na Indonésia e na África Central, a autora afirma que a mulher era considerada um “ser sagrado” e tinha a “função [de] gerar bebês” (AUAD, 2003, p. 21). Na Antiguidade Clássica, as mulheres eram dependentes e submissas ao homem, assim como na Idade Média. A partir do século XIX, as mulheres iniciaram a luta por seus direitos políticos e sociais tendo, a partir de 1917, o direito ao voto em alguns países (AUAD, 2003, p. 56). Em 1949, Simone de Beauvoir publica seu livro “O segundo sexo” – considerado um marco no feminismo – no qual analisa a condição da mulher na sociedade (BEAUVOIR, 2009).

O dia 08 de março foi proposto como o Dia Internacional da Mulher pela comunista alemã Clara Zetkin como homenagem às 129 operárias que morreram queimadas durante a greve na Fábrica Cotton, em Nova York (EUA), em 1857. As operárias lutavam pela redução da jornada de trabalho e pelo direito à licença-maternidade. Teles compara este fato com o dia 1º de maio, consagrado como o Dia Internacional do Trabalhador. Segundo a autora, em 1886, em Chicago (EUA), também ocorreu uma greve de operários pela redução da jornada de trabalho que ocasionou algumas mortes. Porém, enquanto o dia 1º de maio é feriado em vários países, “o 8 de março ainda não recebeu tratamento idêntico, nem mesmo por parte dos trabalhadores, o que por si só indica o quanto tem sido tortuoso o caminho em defesa da libertação da mulher.” (TELES, 1999, p. 97).

No Brasil, a condição das mulheres não era muito diferente; as indígenas foram as primeiras vítimas da discriminação, sendo consideradas “animais irracionais” pelos jesuítas (AUAD, 2003, p. 68). Além das índias, as mulheres negras também sofriam preconceito e eram exploradas e maltratadas (AUAD, 2003, p. 69).

Segundo Auad, o movimento feminista no Brasil surgiu no século XX com a luta pelo direito ao voto, conquistado no país em 1934 (AUAD, 2003, p. 71). De acordo com as autoras Alves e Pitanguy, a partir de 1945, houve uma maior concentração de mulheres nas campanhas eleitorais e nas Associações de Bairro. Em 1975, é fundado o Movimento Feminino pela Anistia e, no mesmo ano, denominado “Ano Internacional da Mulher”, aconteceu uma “semana de debates sobre a condição feminina”, criando-se o “Centro da Mulher Brasileira”, no Rio de Janeiro e em São Paulo (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 70-72).

É no final da década de 70 que o feminismo se propaga em outros estados do país e esses grupos feministas são colocados como “[...] organizações autônomas, isto é, sem vinculação formal com qualquer partido político.” (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 72). De acordo com Alves e Pitanguy, o movimento feminista mobiliza-se na reflexão da condição da mulher em torno dos seguintes pontos: questões sobre a estrutura jurídica; criação de infraestrutura social de apoio à mãe e à criança; direitos da mulher que trabalha; e denúncia da desvalorização da mulher, que é vítima de violência (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 73).

Ainda nos dias de hoje, as mulheres continuam sendo vítimas de todo tipo de violência e abuso, sendo até assassinadas por serem mulheres. Esse tema começou a ser discutido em 1980, no II Congresso da Mulher Paulista. Em seguida, surgiram o SOS-Mulher e o Centro de Defesa da Mulher com o propósito de atender essas mulheres vítimas de violência. (TELES, 1999, p. 130). Somente em 1985 é criada a Delegacia Policial de Defesa da Mulher (TELES, 1999, p. 135). Portanto, em um mundo com ainda tanta discriminação e violência de gênero, é preciso que as mulheres pratiquem a sororidade, que está relacionada ao feminismo.

3 O QUE É SORORIDADE?

Ana Penkala, em seu artigo “A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série *Orange is the new black*”, explica o surgimento do termo sororidade:

O termo *sororidade* tem origem no período pós-Medieval, na palavra *sorōritās* (do Latim Renascentista) e do termo em latim para *irmã, soror*. [...] Também nos EUA, as organizações femininas de universitárias são chamadas *sorority* como sinônimo de *sisterhood*, termos para os quais o português é neutro (irmandade) ou masculino (fraternidade). (PENKALA, 2004, p. 225, grifos da autora).

A palavra sororidade não existe na língua portuguesa. De acordo com Silva,

Para o sentido de irmandade entre as mulheres deve se utilizar a palavra fraternidade, que vem do latim *frater*, ou seja, irmãos. Mais um vocábulo da língua portuguesa que expressa o masculino como único sujeito, sendo assim, machista e silenciador das relações possíveis de irmandade entre o feminino. (SILVA, 2016, p. 48).

Penkala define sororidade como “uma relação pactual de irmandade entre mulheres instituídas política e eticamente, como um corpo unido com um propósito em comum, de onde advém práticas que propõe, preservam e estimulam mútua proteção, solidariedade e a defesa de direitos de classe.” (PENKALA, 2004, p. 225).

Garcia e Sousa, no artigo “A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância”, analisam, a partir da Análise do Discurso, o fanzine “Reajá”, criado pelo coletivo da Marcha das Vadias de Campinas. Esse fanzine traz a seguinte definição de sororidade:

A sororidade, pela definição, é uma experiência subjetiva pela qual as mulheres devem passar com a finalidade de eliminarem todas as formas de opressão entre elas. É, além disso, conscientizar as mulheres sobre a misoginia. É um “esforço pessoal e coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres”. É, por fim, empoderar a mulher. (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 1003)

A partir dessa definição, Garcia e Sousa afirmam que “[...] há a tentativa pelo coletivo de romper com uma forma de violência contra a mulher praticada pela própria mulher, por não ter consciência de suas relações de companheirismo com a outra.” (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 1003).

Para Babi Souza, autora do livro “Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas” e criadora do movimento que tem o mesmo nome, o termo sororidade é apresentado como uma “união e aliança entre mulheres, baseadas na empatia e

companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum.” (SOUZA, 2016, p. 41). O movimento “Vamos juntas?” foi idealizado por Souza em um momento em que ela precisou passar por um caminho deserto e escuro para chegar até o segundo ponto de ônibus e, então, percebeu que, ao chegar ao ponto, havia várias mulheres que estavam no primeiro ônibus com ela e que elas poderiam ter ido juntas. A partir dali, o movimento “Vamos juntas?” nasceu e ganhou força na internet.

A autora afirma, dirigindo-se a mulheres, que “fomos ensinadas a achar que não temos motivo para nos unirmos ou ainda que mesmo se quisermos nos unir, isso não é possível, afinal, somos mulheres e apenas os homens são capazes de ter laços verdadeiros e intocáveis” (SOUZA, 2016, p. 46). É por essa razão que praticar a sororidade é tão importante.

Silva ressalta que “a partir do momento em que ocorre o esforço para unir as mulheres e ir contra o mito da rivalidade feminina, acontece, ao mesmo tempo, o empoderamento feminino gerado por elas próprias através da prática da sororidade.” (SILVA, 2016, p. 49). Empoderar, segundo Souza, significa “conceder ou conseguir poder” e o empoderamento feminino consiste em “assumir e estimular atitudes e decisões de forma mais igualitária entre homens e mulheres.” (SOUZA, 2016, p. 60).

Assim, diante dos argumentos apresentados, pode-se concluir que, a partir da prática da sororidade e do empoderamento entre as mulheres, o mito da competição e da rivalidade feminina não existiria mais. As mulheres, entendendo a força que têm juntas, podem construir um mundo melhor e mais justo para se ser mulher. Desse modo, analisaremos, com base na fundamentação teórica apresentada, como ocorre a relação entre as personagens femininas no livro de Nahum Alves de Souza.

4 ANÁLISE DA AMIZADE E RIVALIDADE ENTRE AS PERSONAGENS FEMININAS EM “SUBURBANO CORAÇÃO”

Conforme mencionado anteriormente, na obra de Nahum Alves de Souza, além da busca de Lovemar pelo amor verdadeiro, há também a relação desta personagem com as suas duas amigas, Julinda e Trudes. Logo no início da peça, nota-se um primeiro diálogo entre Julinda e Frederico, noivo de Lovemar, que marca o início de um desentendimento entre as três amigas e o começo de uma certa rivalidade entre elas.

Após Julinda perguntar se Frederico se casará com Lovemar por interesse, ele desconversa, questionando de quem ela gosta mais, se de Lovemar ou de Trudes. Julinda responde prontamente: “Que pergunta! Nós três somos muito colegas, uma não pode viver sem a outra, tudo que uma faz a outra também faz, tudo que uma compra a outra também compra.”. Em seguida, Frederico diz: “Uma mulher é inimiga da outra por natureza.” (SOUZA, 1997, p. 25). Depois dessa conversa com Frederico, Julinda demonstra irritação, chamando a atenção de Trudes e Lovemar, que pergunta ao seu noivo o que aconteceu. Então, Frederico distorce a fala de Julinda:

FREDERICO

Nada. Foi ela que, antes de vocês chegarem, começou a falar umas coisas e eu defendi vocês porque achei injusto mas não foi nada de grave. Vocês não precisam ficar preocupadas. Afinal, são tão amigas...

TRUDES E LOVEMAR

Que foi que ela falou?

FREDERICO

Nada. Só que uma se mete na vida da outra, que uma morre de medo de ficar longe da outra, que uma copia vestido e penteado da outra... (Frederico despejou veneno. Lovemar e Trudes acabam de se tornar inimigas) (SOUZA, 1997, p. 29-30).

A fala de Frederico faz com que Lovemar e Trudes discutam e esse atrito entre as amigas leva Trudes a confirmar a realização do casamento da amiga com Frederico, comentando ao final: “Vou assistir de camarote esse fracasso! Ah, ah, ah! Desejo tudo de mau para vocês.” (SOUZA, 1997, p. 31). Após a saída de Trudes, Frederico consola sua noiva e afirma: “As melhores amigas são as piores inimigas” (SOUZA, 1997, p. 31).

Assim, neste primeiro trecho, observamos Frederico reforçando uma ideia de que as mulheres não são amigas umas das outras. Ao mesmo tempo, ele faz com que as amigas se desentendam, como forma de confirmar para ele mesmo que, aparentemente, ele estava certo sobre a sua opinião em relação à amizade entre mulheres.

Quando Lovemar e Frederico se casam e voltam da lua de mel, um novo personagem aparece na peça: Alfredinho. O casal conheceu Alfredinho durante a lua de mel e Frederico se afeiçoou ao menino, dizendo que o considerava um sobrinho. Trudes e Julinda percebem que há algo de estranho na história contada por Frederico, e Trudes pergunta a Lovemar se ela está feliz. Ao responder que não, Julinda questiona por que ela continua, e Lovemar responde: “Porque eu estou com vergonha. Errei tudo.”. Nesse momento, há a sororidade; Trudes diz: “A gente fica com você.”, e Julinda completa: “Põe os dois pra fora. Vamos pôr já?” (SOUZA, 1997, p. 56). Nota-se, nesta cena, que um momento de dificuldade de uma das amigas faz com que as outras duas se unam, para que juntas possam ajudar e dar apoio a Lovemar.

Após a sua primeira decepção amorosa, Lovemar busca amparo na religião, se convertendo. E quando Lovemar não está por perto, as amigas logo começam a tecer comentários sobre ela, revelando novamente uma rivalidade:

JULINDA

Será que é séria essa estória de virar crente? Ela é católica, batizada, fez primeira comunhão...

TRUDES

Sem pintura ela está parecendo um defunto. Eu, hein?

JULINDA

Eu já estou de saco cheio. Se ela me der mais um conselho eu vou falar palavrão. Ai, é só hino o dia inteiro! [...] Já era tonta e agora virou crente! (SOUZA, 1997, p. 62-63).

Na sequência, quando Lovemar já está em cena, ela apresenta as amigas ao Reverendo Cordeiro dizendo “Eram as minhas melhores amigas no mundo, Reverendo.” (SOUZA, 1997, p. 71), pois, segundo ela, Trudes e Julinda só virariam suas irmãs no dia do arrependimento. Logo depois, o Reverendo pede Lovemar em casamento e ela aceita. Em seguida, ela se ausenta junto com Trudes, deixando Reverendo e Julinda em companhia um do outro. Os dois acabam se envolvendo, traindo Lovemar, que volta à cena, flagrando seu noivo e sua amiga juntos. Depois

disso, a amizade entre Lovemar e Julinda estremece, fazendo com que Julinda diga a Trudes: “Você é a minha única amiga.” (SOUZA, 1997, p. 86).

Depois dessa segunda decepção amorosa, Lovemar torna-se uma “perua, quase escandalosa” (SOUZA, 1997, p. 87). E, então, há um reencontro entre as três amigas. Primeiramente, Trudes aparece em cena com Lovemar, comentando sobre uma possível reconciliação entre a amiga e Julinda. Lovemar logo diz: “Se você visse o que eu vi, os dois se agarrando! Aquela vaca! E se dizia minha amiga.” (SOUZA, 1997, p. 93). Depois, as duas conversam sobre o novo namorado de Julinda, que faz Trudes declarar: “Julinda não pode ver homem. Eu nunca apresentei meus namorados para ela que eu não sou louca.” (SOUZA, 1997, p. 94), evidenciando, assim, a falta de confiança na amiga.

Antes que Julinda chegue, Lovemar diz para si mesma: “Nem que eu morra por dentro! Vou fingir! E com classe. ‘Vamos fazer as pazes?’ Sua vaca! Se eu quiser até derramo umas lágrimas. Ela me paga! Serei falsa com gosto!” (SOUZA, 1997, p. 95). Quando, finalmente, as duas se encontram, fingem fazer as pazes, pois é mostrado na cena o que elas realmente estão pensando:

LOVEMAR

Ela fez plástica. Com o dinheiro de quem?

JULINDA

Esse cabelo não é dela. Isso é peruca.

LOVEMAR

Já está com papinho.

JULINDA

Está cheia de pés de galinha nos olhos.

LOVEMAR

O dente da frente é pivô. (SOUZA, 1997, p. 99).

É nesse momento que se confirma mais uma vez a rivalidade entre elas, pois, após a traição, Lovemar não consegue perdoar a amiga e age com falsidade. Além disso, Lovemar toma a atitude de colocar um comprimido calmante no copo de Julinda, fazendo-a adormecer. Na sequência, Trudes sai e Lovemar fica a sós com Osiris, namorado de Julinda, que a acompanhava. Os dois acabam se envolvendo e ficando noivos naquele momento. Entende-se, assim, que Lovemar estava se vingando de Julinda, a traindo do mesmo modo como a amiga a traiu com o seu ex-noivo.

Na próxima cena, a rivalidade entre as amigas ainda está em evidência, pois, quando Julinda descobre que Lovemar e Osíris vão se casar, ela diz: “Ah ah ah! Vou assistir de camarote esse fracasso! (SOUZA, 1997, p. 125), sendo a mesma fala de Trudes sobre o primeiro casamento de Lovemar.

Após o casamento, e depois com a morte do marido, as três amigas se reencontram no velório. Lovemar reclama de dor de dente, enquanto Julinda, que no momento trabalhava vendendo produtos importados, passa uma pomada no dente de Lovemar e indica um dentista. Em outro momento de encontro entre as três, Julinda diz que estava vindo em “missão de paz” (SOUZA, 1997, p. 147), confessando que havia feito uma macumba contra a amiga:

JULINDA

Morreu teu homem e inflamou teu dente. Mas eu paguei em dobro. Perdi dois namorados no mesmo desastre, no mesmo ônibus. Um era motorista e o outro cobrador. [...] Tive que ir a dois velórios no mesmo dia. [...] E ainda por cima me inflamaram dois dentes, um em cada velório. (SOUZA, 1997, p. 148-149).

Após a revelação, Julinda pede por uma reconciliação verdadeira a Lovemar, que aceita. A partir desse momento, a sororidade reaparece e as três voltam a ter o tipo de amizade que tinham antes da rivalidade, com confiança, respeito e apoio.

Portanto, pudemos observar que a amizade entre as três personagens é marcada pela rivalidade, competitividade, inveja e vingança, principalmente no que diz respeito a relacionamentos, e sobretudo entre Lovemar e Julinda. O início desse conflito partiu de mentiras e provocações feitas por Frederico, primeiro noivo de Lovemar, desencadeando uma série de divergências entre elas. No entanto, é no final da peça que as amigas percebem que a amizade entre elas era mais importante do que tudo o que passaram baseado na rivalidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho de pesquisa, foi possível observar que o movimento feminista é marcado pela união entre as mulheres na busca de um objetivo em comum: a luta pela igualdade social. Portanto, a sororidade se faz essencial na sociedade em que vivemos, onde ainda predomina o machismo. Além disso, a sororidade também é importante na questão de destruímos o mito da rivalidade feminina e no fortalecimento do empoderamento das mulheres.

Como pudemos verificar na obra “Suburbano coração”, a competitividade está presente em toda a narrativa. Primeiramente, as três personagens femininas são levadas a brigar entre si por intermédio do primeiro marido de Lovemar, que influencia as amigas contando mentiras. É a partir daí que a rivalidade começa a se manifestar na peça. No entanto, é em um momento de dificuldade que as amigas se unem, restaurando o sentimento de amizade e mesmo de sororidade entre elas. Lovemar, Julinda e Trudes percebem que a amizade era maior do que a competitividade, então, ao final, há a reconciliação e a rivalidade desaparece.

Logo, pode-se concluir que a literatura, mais especificamente a peça teatral “Suburbano coração”, retrata a amizade entre mulheres com muita rivalidade e competitividade, pois isso ainda está muito presente na sociedade em que vivemos. Porém, a rivalidade feminina é um mito que deve ser combatido através da sororidade, como foi visto na obra de Nahum Alves de Souza. Dessa forma, as mulheres se unirão, conquistando seus objetivos em comum e gerando, assim, o empoderamento feminino. E, então, isso se refletirá também na literatura.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. **A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância**. Estudos linguísticos, São Paulo, 44 (3); set. – dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1032/613>>. Acesso em: 11 set. 2017.

PENKALA, Ana. **A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black**. Trabalho apresentado IV SIGAM – Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória em novembro de 2014. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/paralelo31/files/2015/03/13_dossie_04_artigo_penkala.pdf> Acesso em: 05 set. 2017.

SILVA, Ivana Carolina Santos da. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. Trabalho de Conclusão de Curso-Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2016, p. 37-52. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16599/1/2016_IvanaCarolinaSilva_tcc.pdf>. Acesso em: 05 set. 2017.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?** – O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

SOUZA, Nahum Alves de. **Suburbano coração**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.